cadernos
para o
PROFESSOR

SENTIDOS DA NATUREZA NO CONTO FOLCLÓRICO DO BOITATÁ

ARTHUR PONTÉ RINCO[1]
https://orcid.org/0009-0000-6116-3506
arthurpontebiol@gmail.com

GUILHERME TROPIA[2]
https://orcid.org/0000-0002-1341-2720
guilherme.tropia@ufjf.br

RESUMO
O presente artigo analisa o folclore brasileiro como mediação simbólica na construção de sentidos sobre a natureza, tomando como objeto de estudo o conto zoofolclórico do Boitatá. Parte-se do problema de como diferentes narrativas culturais contribuem para a produção de compreensões sobre a natureza, para além das abordagens estritamente científicas no ensino de Ciências. O estudo fundamenta-se em referenciais teóricos que articulam saberes populares e cultura, com destaque para perspectivas que reconhecem a pluralidade de formas de conhecimento e a dimensão simbólica das narrativas folclóricas. Adota-se uma abordagem qualitativa orientada pela análise do conto do Boitatá a partir de duas dimensões: simbólica e comportamental. Os resultados evidenciam que o Boitatá, enquanto figura mítica, expressa valores, normas e visões de natureza que atravessam o imaginário social, podendo contribuir para a ampliação dos sentidos atribuídos à natureza. Aponta-se que o folclore, ao mobilizar narrativas, memórias e experiências culturais, apresenta potencial para enriquecer práticas educativas, favorecendo o diálogo entre conhecimento científico e saberes populares na construção de uma educação mais sensível às múltiplas formas de compreender a natureza.
Palavras-chave: Folclore. Natureza. Cultura. Ensino de Ciências.

FOLKLORE AS SYMBOLIC MEDIATION IN THE CONSTRUCTION OF MEANINGS ABOUT NATURE IN SCHOOL

ABSTRACT
This article analyzes Brazilian folklore as a symbolic mediation in the construction of meanings about nature, taking as its object of study the zoofolkloric tale of the Boitatá. It starts from the problem of how different cultural narratives contribute to the production of understandings about nature, beyond strictly scientific approaches in science education. The study is grounded in theoretical frameworks that articulate popular knowledge and culture, with emphasis on perspectives that recognize the plurality of forms of knowledge and the symbolic dimension of folkloric narratives. A qualitative approach is adopted, guided by the analysis of the Boitatá tale from two dimensions: symbolic and behavioral. The results show that the Boitatá, as a mythical figure, expresses values, norms, and views of nature that

[1]Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), graduado em Ciências Biológicas (UFJF) e licenciado em Pedagogia. Coordenador Pedagógico de Cursos Técnicos e professor, com atuação no ensino de Ciências e em estudos sobre cultura zoofolclórica brasileira. Professor do Instituto Regina Matter de Educação - Ensino Fundamental, Médio e Técnico, Juiz de Fora - MG Brasil
[2]Doutor em Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pós-doutorado pela Université Paris-Est Créteil, é professor Associado da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), atuando na formação de professores e pesquisadores em educação em Ciências/Biologia, com interesse em leituras e escritas, pesquisa narrativa e estudos pós-críticos.

permeate the social imaginary, and may contribute to broadening the meanings attributed to nature. It is argued that folklore, by mobilizing narratives, memories, and cultural experiences, has the potential to enrich educational practices, fostering dialogue between scientific knowledge and popular knowledge in the construction of an education more sensitive to the multiple ways of understanding nature.
Keywords: Folklore. Nature. Culture. Science Education.

EL FOLCLORE COMO MEDIACIÓN SIMBÓLICA EN LA CONSTRUCCIÓN DE SENTIDOS SOBRE LA NATURALEZA EN LA ESCUELA

RESUMEN
El presente artículo analiza el folclore brasileño como mediación simbólica en la construcción de sentidos sobre la naturaleza, tomando como objeto de estudio el cuento zoofolclórico del Boitatá. Se parte del problema de cómo diferentes narrativas culturales contribuyen a la producción de comprensiones sobre la naturaleza, más allá de los enfoques estrictamente científicos en la enseñanza de las ciencias. El estudio se fundamenta en marcos teóricos que articulan saberes populares y cultura, con énfasis en perspectivas que reconocen la pluralidad de formas de conocimiento y la dimensión simbólica de las narrativas folclóricas. Se adopta un enfoque cualitativo, orientado por el análisis del cuento del Boitatá a partir de dos dimensiones: simbólica y comportamental. Los resultados evidencian que el Boitatá, en tanto figura mítica, expresa valores, normas y visiones de la naturaleza que atraviesan el imaginario social, pudiendo contribuir a la ampliación de los sentidos atribuidos a la naturaleza. Se señala que el folclore, al movilizar narrativas, memorias y experiencias culturales, presenta potencial para enriquecer las prácticas educativas, favoreciendo el diálogo entre el conocimiento científico y los saberes populares en la construcción de una educación más sensible a las múltiples formas de comprender la naturaleza.
Palabras clave: Folclore. Naturaleza. Cultura. Enseñanza de las Ciencias.

1. INTRODUÇÃO

As discussões contemporâneas sobre a relação entre sociedade e natureza têm evidenciado não apenas uma crise ambiental sem precedentes — manifestada na degradação acelerada dos ecossistemas, nas mudanças climáticas e na perda vertiginosa da biodiversidade —, mas também uma "crise de sentidos". Esta crise é marcada pela predominância de perspectivas epistemológicas herdadas do paradigma da modernidade, que tendem a reduzir a complexidade do mundo natural a explicações estritamente científicas, tecnicistas e utilitaristas. Como aponta Diegues (2001), a modernidade consolidou o "mito moderno da natureza intocada", estabelecendo uma separação entre o mundo humano e o mundo natural. Nessa lógica, a natureza é convertida em um objeto externo, um recurso a ser explorado ou um cenário passivo, desprovido de significados simbólicos e de subjetividade própria.

No contexto escolar, essa redução se manifesta de forma acentuada nas práticas de ensino de Ciências e Biologia. Frequentemente, o currículo privilegia a transmissão de conteúdos enciclopédicos e descontextualizados, que pouco dialogam com as realidades culturais, simbólicas e sociais dos discentes. Nesse sentido, Tropia (2018) alerta que documentos norteadores recentes, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), operam sob um "discurso autoritário", que tende a silenciar diferentes interlocutores do campo educativo. Segundo os autores, esse modelo de currículo não oferece subsídios para que o leitor compreenda as diversas perspectivas educativas que circulam na área, reforçando uma visão de ensino que muitas vezes ignora a pluralidade de sentidos e o contexto dos sujeitos. Tal cenário revela limites na forma como a vida é apresentada no espaço educativo, restringindo a construção de conhecimentos a uma racionalidade formal que ignora outras formas de ler e sentir o mundo.

Conforme discute Sato (2003), a Educação Ambiental não pode ser reduzida a uma mera transferência de técnicas de conservação ou comportamentos mecânicos; ela deve constituir-se como um processo de "alfabetização ética e estética", capaz de reconhecer as identidades locais e a pluralidade de saberes que emergem das comunidades. Diante desse quadro, torna-se necessário tensionar a centralidade do conhecimento científico como única via legítima de interpretação da realidade. É preciso reconhecer, ancorado na perspectiva sócio-histórica de Vygotsky (2000), que o desenvolvimento humano e a nossa relação com o meio são mediados por ferramentas simbólicas. A cultura, portanto, funciona como a lente pela qual atribuímos significado aos fenômenos naturais. Geertz (2008) reforça essa ideia ao afirmar que o "senso comum" e o saber local possuem uma lógica própria, organizando a experiência humana de modo a conferir ordem e sentido ao que, de outra forma, seria o caos do mundo.

O folclore brasileiro configura-se como um território privilegiado para essa análise. O zoofolclore, definido como o ramo que estuda as representações, crenças e mitos envolvendo animais no imaginário popular, transcende a taxonomia biológica clássica. Como ensina Cascudo (2022), o animal folclórico é um ser de papel e de sonho, uma entidade que sintetiza forças da natureza, valores morais e normas sociais. O Boitatá, por exemplo, ao ser narrado como a serpente de fogo que protege as matas contra os incendiários, não é apenas uma fábula residual, mas

expressão de uma ética ambiental popular que impõe limites à ação humana predatória, possuindo uma potência epistemológica que pode enriquecer o ensino de Ciências.

É nesse horizonte de tensionamento entre o discurso normativo e a riqueza dos saberes tradicionais que se insere a presente investigação. O trabalho toma o conto folclórico do Boitatá como mediação simbólica e comportamental na construção de sentidos sobre a natureza, partindo do pressuposto de que a educação científica pode se beneficiar do diálogo intercultural. Assim, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: que sentidos sobre natureza os contos zoofolclóricos do Boitatá mobilizam, contrapondo-se a abordagens que se pretendem exclusivamente científicas e silenciadoras?

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Historicamente, a trajetória do termo "folclore" remonta a William John Thoms (1846), que o cunhou em um esforço de preservação de saberes tradicionais diante da urbanização galopante. Esse movimento de institucionalização, consolidado pela *Folklore Society* (1878) e pela *American Folklore Society* (1888), estabeleceu o campo como uma investigação científica legítima das narrativas e práticas populares. No Brasil, essa ciência encontra seu expoente máximo em Luís da Câmara Cascudo. Em obras fundamentais como *Literatura Oral no Brasil* (1978) e *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2001), Cascudo define o folclore através da antiguidade, persistência, anonimato e oralidade, conferindo dignidade acadêmica ao saber que ele denomina "ciência da vida popular".

Nesse contexto, Cascudo propõe uma imersão na diversidade das tradições populares brasileiras, ressaltando a relevância de valorizar, preservar e compreender as múltiplas expressões culturais que constituem o saber do povo: “todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume” (Cascudo, 2022, p. 40). A partir dessa compreensão ampliada do folclore como um patrimônio vivo e em constante construção, torna-se necessário ultrapassar uma visão estática desse fenômeno. Conforme articulado por Carlos Rodrigues Brandão (1993), a cultura popular opera em movimentos de ascensão e descendência, mantendo-se viva por meio de contínuos processos de

ressignificação. Essa perspectiva ganha contornos de resistência política, em que o folclore se configura como uma “concepção de mundo” das classes subalternas.

A análise do objeto central deste estudo sobre os sentidos de natureza foi os contos folclóricos do Boitatá (Alves, 2022; Franchini, 2022; Câmara, 2019; Cascudo, 2022). Essas narrativas revelam visões de natureza que desafiam o "mito moderno da natureza intocada", criticado por Diegues (2001), atribuindo agência e valor ético aos seres não humanos. Os fragmentos selecionados contribuem para compreender o lugar do Boitatá no imaginário popular como uma figura ancestral de defesa das florestas e símbolo da preservação ecológica.

Segundo Câmara (2019), o Boitatá é Fogo que corre, protegendo as matas brasileiras das queimadas provocadas pelos humanos. Ele é capaz de absorver as chamas dos incêndios, sendo muitas vezes utilizados por tribos sulistas para aquecer as moradias no período de frio. O autor ainda aponta que o Boitatá é um animal dócil e fácil de ser domesticado, apesar de ser feroz protetor. Alves (2022) aponta que o Boitatá é um fantasma de uma imensa cobra luminosa que se alimenta dos olhos de suas vítimas. Tem um corpo transparente cheio de olhos e pode se transformar em pau flamejante para castigar quem destrói as matas. O autor ainda aponta que para se livrar do ataque do Boitatá, a vítima deve ficar imóvel ou dar-lhe qualquer parte do seu corpo. De acordo com Franchini (2022), o Boitatá, podendo ser chamado de Mboitatá, é um espectro de cobra transparente que irradia luz ofuscante nas noites tristes das matas brasileiras. Para escapar da fúria do Boitatá, o autor indica que se deve ficar imóvel com olhos fechados ou ainda arremessar-lhe um objeto de ferro.

Franchini (2022) nos apresenta uma forma alternativa de nomeação para essa personagem mítica: *Mboitatá*. Mais do que uma simples variação gráfica, trata-se de uma expressão enraizada na fonética e na cosmologia tupi, que carrega sentidos profundos sobre a relação entre linguagem, natureza e espiritualidade. Ao refletir sobre a etimologia do nome “Boitatá”, percebe-se a riqueza cultural e linguística que essa figura folclórica carrega. Do nome composto em tupi, “mboî-tatá” – em que “mbói” significa “cobra” e “tatá” representa “fogo” –, originou-se, no português brasileiro, a forma simplificada “Boitatá”. Essa palavra remete ao ente lendário do folclore nacional, que guarda relações com o mito indígena original e simboliza o fenômeno atmosférico conhecido como fogo fátuo.

Como Cascudo (2022) explica, a construção “mbai-tatá”, “coisa de fogo”, se transformou em “mbói-tatá”, “cobra de fogo”, expressando a visão indígena de um fogo que se move de maneira serpenteante. Essa mudança linguística e adaptação cultural preserva o imaginário de uma serpente de fogo que protege as florestas, guardando o equilíbrio da natureza e conectando as gerações à simbologia ambiental do Boitatá.

A busca pelo conto "original" do Boitatá revela-se uma tarefa sinuosa, quase tão escorregadia quanto a própria serpente de fogo que habita o imaginário popular. Por séculos, as histórias desse ser encantado fluíram pela tradição oral como um rio de palavras que se desdobra em afluentes diversos, marcados por sotaques regionais e cosmovisões que atravessam o tempo. Nesse cenário, não existe um único Boitatá, mas múltiplos, cada um revelando as particularidades de sua terra e de seu povo. As primeiras menções documentadas remontam ao século XVI, na famosa carta do padre José de Anchieta (1560), em que o fenômeno é descrito como o *baetatá* — uma "coisa de fogo" que deslizava pela mata.

Todavia, o Boitatá contemporâneo, presente nos livros e nas salas de aula, é fruto de múltiplas metamorfoses. Passando por reinterpretações de autores como Alves (2022), Câmara (2019) e Franchini (2022), o mito moldou-se entre exigências pedagógicas e poéticas, atuando ora como espírito punitivo contra a destruição, ora como metáfora de resistência contra o esquecimento ambiental. É justamente nesse ponto de inflexão — entre a memória ancestral e a invenção necessária — que este artigo propõe investigar os sentidos sobre a natureza no conto do Boitatá. Ao considerar que integrar o folclore ao ensino de ciências permite transitar de uma descrição utilitarista para uma "ecologia de saberes", compreende-se que os contos folclóricos constituem espaços legítimos de elaboração simbólica. Nesse horizonte, a elaboração do conto autoral aqui apresentado não se configura como mero exercício literário, mas como um gesto interpretativo que busca evidenciar as potencialidades epistemológicas do mito como mediador entre diferentes formas de conhecimento.

Inscrito na condição de educador, pesquisador e mineiro enraizado na cultura popular, tomo a liberdade epistêmica de escrever uma versão que expresse essa interpretação dinâmica do símbolo. Ao mergulhar nas profundezas do rio da oralidade com olhos atentos e mente crítica, minha intenção é oferecer uma chama

renovada ao fogo ancestral, capaz de iluminar as sombras do presente e aquecer o diálogo entre o passado e o futuro. Esta escrita é, em última análise, um convite à reflexão sobre o papel vital do mito na formação de uma consciência ecológica plural, que reconheça o valor dos saberes tradicionais e sua capacidade de inspirar atitudes de cuidado e preservação:

> Reza a lenda, que há muito tempo, numa noite escura e silenciosa, o mundo foi tomado por uma grande enchente que cobriu florestas, montanhas e vales. Na escuridão das águas, as criaturas da floresta sofriam, tentando se manter vivas. Entre elas, as cobras eram algumas das que mais lutavam para sobreviver, pois a correnteza ameaçava arrastá-las para longe. Uma cobra muito especial, com escamas reluzentes, encontrou abrigo em um tronco flutuante. Durante as noites em que vagava pelas águas, ela começou a notar pequenas luzes que brilhavam intensamente – os olhos das criaturas que haviam morrido afogadas na enchente. Movida por uma força sobrenatural, a cobra passou a devorar aqueles olhos cintilantes, absorvendo todo o brilho deles. Conforme comia os olhos luminosos, algo mágico acontecia. Seu corpo começou a brilhar, primeiro de leve e, depois, com uma intensidade que iluminava as águas escuras. Transformada pelo poder dos olhos das criaturas, a cobra se tornou o Boitatá, uma gigantesca serpente de fogo que serpenteava pelos rios e matas, com um brilho que podia ser visto de longe. Dizem que o Boitatá é um espírito protetor das matas, punindo aqueles que desrespeitam a natureza e provocam incêndios ou destroem a vida selvagem. Muitos acreditam que, ao verem sua luz brilhante ao longe, devem fugir, pois é um aviso para manter distância. Outros contam que o Boitatá persegue quem atravessa seu caminho nas florestas, cegando aqueles que olham diretamente para seu brilho. Assim, o Boitatá vagava pelo mundo, sua luz brilhante como um fogo errante, ora ajudando a proteger, ora servindo como aviso de que as florestas guardam segredos antigos e poderosos, dos quais nem todos devem se aproximar (Rinco, 2024).

3. METODOLOGIA

A presente investigação fundamenta-se na abordagem qualitativa de cunho interpretativo e busca investigar a complexidade das relações simbólicas e comportamentais do conto do Boitatá e seus sentidos de natureza. Como destaca Van Zanten (2004), a pesquisa qualitativa destaca-se pela sua capacidade de analisar contextos e significados de forma ampla, o que, neste estudo, traduz-se no esforço de escutar o que os contos zoofolclóricos enunciam sobre natureza, meio-ambiente e os seres vivos. A análise não busca decifrar uma verdade oculta,

mas transparecer os modos como o imaginário popular constrói sentidos sobre o mundo natural.

O caminho adotado para a obtenção dos resultados iniciou-se com a constituição de um *corpus* documental composto por quatro obras de referência que oferecem diferentes perspectivas sobre o universo mitopoético brasileiro, permitindo uma visão plural e diacrônica da figura do Boitatá. Foram selecionadas as obras *Abecedário de Personagens do Folclore* (Alves, 2022), que evidencia o hibridismo das figuras míticas; *As 100 Melhores Lendas do Folclore Brasileiro* (Franchini, 2022), focada na força da tradição oral e suas variações regionais; *O Guia das Criaturas Mágicas* (Câmara, 2019), que promove uma ecologia mitopoética contemporânea ao fundir elementos da biodiversidade nacional com a imaginação fantástica; e o tratado clássico *Geografia dos Mitos Brasileiros* (Cascudo, 2022), essencial para situar o folclore como fenômeno territorial e memória coletiva. A escolha destas fontes justifica-se pela necessidade de confrontar visões clássicas e contemporâneas, garantindo que a análise não fique restrita a um único tempo ou espaço editorial.

No que concerne ao tratamento dos dados, foi desenvolvida para esta investigação uma proposição metodológica baseada na técnica de análise a partir de dois eixos centrais concebidos como chaves de leitura para o zoofolclore: as dimensões simbólica e comportamental. Tais eixos foram ressignificados sob a ótica das narrativas de resistência e memória ambiental, visando responder aos desafios de contextos de catástrofes. A dimensão simbólica concentrou-se no levantamento de elementos míticos e imagens arquetípicas, buscando compreender o mito, sob a ótica de Lévi-Strauss (1976), como um sistema de símbolos que dá sentido à experiência humana dentro da "semiosfera" cultural (Lotman, 2000).

Neste estudo, tal dimensão é fundamental para identificar como o imaginário sobre o Boitatá processa e simboliza o medo e a proteção diante da catástrofe ambiental (o incêndio, por exemplo), convertendo o evento destrutivo em uma narrativa de vigilância e preservação. Paralelamente, a dimensão comportamental voltou-se para as interações e atitudes dos personagens, visando revelar a ética implícita e os padrões de conduta que regulam a relação com o mundo natural. Em contextos de crise ambiental, esta dimensão permite analisar como as memórias escolares e populares mobilizam comportamentos de respeito e cuidado,

transformando a lenda em um dispositivo de experiência pedagógica que ensina a convivência e a prevenção de desastres por meio do afeto e do respeito aos limites da natureza. Como aponta Cascudo (2022), a atuação dos animais míticos representa valores que a cultura deseja preservar, funcionando como dispositivos de pedagogia “moral” e identidade ecológica.

Este percurso metodológico permitiu, portanto, que a investigação ultrapassasse a simples descrição, consolidando-se como um exercício de escuta sensível capaz de identificar como o folclore tensiona as fronteiras entre o saber científico e a tradição ancestral.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1. Análise da dimensão simbólica

Ao lançar um olhar sobre o conto do Boitatá, adentramos um território de sentidos múltiplos, no qual mito, memória e natureza entrelaçam-se como serpentes em espiral. Nessa narrativa, o leitor não é mero espectador, mas cocriador de significados, numa leitura dialógica que envolve uma multiplicidade de vozes e sentidos. A lenda inicia-se com uma grande enchente, símbolo arquetípico do caos primordial, da purificação pelo excesso e da renovação forçada da ordem natural. Esse dilúvio evoca mitos fundacionais presentes em diversas culturas, desde a Gênesis bíblica às cosmogonias indígenas. Mas aqui, não é a arca que salva: é um tronco flutuante, improvisado refúgio de uma serpente especial, que introduz o leitor à potência simbólica dos elementos. A cobra, figura ambígua por excelência, é protagonista da travessia e, nesse caso, a serpente torna-se repositório das angústias, esperanças e medos de um povo diante da força indomável da natureza. Ela não é apenas sobrevivente: torna-se transmutadora, devorando os olhos dos mortos, metáfora pungente da apropriação das memórias, das visões extintas e transmutando-os em luz.

A figura do Boitatá, enquanto serpente de fogo, guardiã dos campos e das águas, encontra um espelho simbólico na sucuri (serpente real e imponente dos ecossistemas brasileiros). Não se trata de uma comparação literal, mas de uma correspondência simbólica que amplia o entendimento da serpente como arquétipo. A sucuri, predadora de topo, cumpre funções ecológicas fundamentais: regula populações e mantém a integridade dos corpos d’água. Ao ocupar essa posição de

vigilância, ela evoca atributos semelhantes aos do Boitatá mítico — aquele que observa, protege e pune. Como afirma Baptista (2013, p. 156), “a serpente, em diferentes culturas, é portadora de uma ambivalência simbólica: associada tanto à vida quanto à morte, à fertilidade quanto ao perigo, ela representa o limiar entre mundos e a potência dos ciclos naturais.”

Nesse sentido, a sucuri deixa de ser apenas um ser zoológico e passa a habitar o imaginário como figura de poder e equilíbrio. Ao vincular essa serpente real à figura flamejante do Boitatá, estabelece-se uma ponte entre mito e ecologia, revelando que os saberes tradicionais não dissociam o ser vivo de suas dimensões espirituais. Conforme Oliveira e Alves (2023, p. 183):

> A serpente deve ser compreendida a nível simbólico como um animal ambíguo, podendo representar vida ou morte, proteção ou ameaça, cura ou doença, sorte ou azar, benção ou maldição, sabedoria ou ignorância, verdade ou mentira, astúcia ou malícia, prosperidade ou penúria, céu ou terra, fogo ou água, salvação ou danação, liberdade ou prisão, alívio ou castigo etc. Contudo, além desses sentidos dualistas, as serpentes também possuem significados associados com a fertilidade, a fecundidade, a sexualidade, o tempo, a natureza, a magia, a alquimia, a astrologia, nobreza, a proteção etc.

Essa ambiguidade manifesta-se no Cerrado, em que o fogo possui papel ambíguo: elemento necessário para a renovação, mas força destrutiva se mal utilizada. Nascimento (2001, p. 31) afirma que “vários estudos apontam para o fogo como elemento fundamental à estruturação de algumas paisagens do cerrado”, favorecendo a rebrota e a germinação de sementes. No mito, o fogo do Boitatá queima quem viola a terra; na ecologia, ele renova a paisagem. Essa sobreposição revela como os mitos funcionam como mecanismos culturais de conservação. Como indicam Amorim e Gonçalves (2015), essa polissemia subverte a pretensão de um discurso único da ciência, evidenciando o mito como linguagem que cria o real. Com isso, nasce o Boitatá: serpente-luz, serpente-fogo, serpente-memória.

O percurso da serpente, que devora olhos para transmutar-se em luz, funciona como o que Lévi-Strauss (1976) define como uma linguagem estruturada para oferecer respostas a dilemas existenciais. Ao alimentar-se da luz dos mortos, o Boitatá torna-se depositário das visões extintas da floresta, assumindo o papel de consciência ecológica ancestral. Essa trajetória se enriquece no encontro entre fogo e água. A bioluminescência da serpente, embora explicada pela ciência como

adaptação biológica, no imaginário popular é fruto do encantamento. Como ressaltam Gonçalves e Amorim (2012), figuras como o Boitatá “têm potência para acabar com nossas familiaridades e nos levar a considerar de outra forma as mesmas coisas”, desestabilizando os regimes de verdade instituídos.

Esse poder, no entanto, é plural. Nas cosmovisões africanas, a serpente — a *Dan* — é símbolo sagrado de sabedoria. Essa polissemia aproxima-se do que Stuart Hall (1997) denomina sistemas culturais de significação. No Candomblé, Oxumarê corporifica essa beleza cíclica. Segundo Verger (2002, p. 73):

> Oxumaré é a serpente-arco-íris; suas funções são múltiplas. [...] Ele é a mobilidade e a atividade. Uma de suas obrigações é a de dirigir as forças que produzem o movimento. Ele é o senhor de tudo o que é alongado. [...] Ele é o símbolo da continuidade e da permanência e, algumas vezes, é representado por uma serpente que se enrosca e morde a própria cauda.

Em contrapartida, a narrativa ocidental cristã carregou a serpente com o peso da tentação e do pecado, gerando um medo que resulta na morte indiscriminada de répteis por imprudência humana (Cosendey & Salomão, 2013). Contudo, ao revisitarmos o Boitatá, percebemos que a serpente transcende o mal. Como lembra Ailton Krenak (2019, p. 45), “os rios, as montanhas, os animais — todos são seres com os quais se pode estabelecer relação, porque têm espírito, têm vida”. A água, vista através de Tales de Mileto como a *physis* primordial, simboliza a origem e o fim. No Pantanal, esse ciclo é a matriz da vida. O Boitatá, ao emergir dessas águas, encarna a narrativa que integra criação e vingança. Finalmente, o "olhar proibido" ao brilho da criatura é um chamado à humildade diante das forças naturais.

4.2. Análise da dimensão comportamental

A dimensão comportamental diz respeito aos modos de agir e interagir dos personagens humanos e não humanos, evidenciando valores, normas e padrões culturais subjacentes. Os comportamentos dos animais míticos revelam uma ética implícita que reflete expectativas socioculturais acerca da moralidade, da justiça e da convivência. Nesse sentido, os mitos operam como formas legítimas de transmissão de saberes e de regulação social. Como observa Lévi-Strauss (1976, p. 43-44) ao refletir sobre a função social da mitologia, “um indivíduo que recebeu, por direito e herança, um certo relato da mitologia ou da tradição lendária do seu próprio grupo

reage ao ouvir outra versão diferente…", evidenciando o papel normativo dessas histórias na manutenção da coesão cultural. Complementando essa perspectiva, Cascudo (2022, p. 154) afirma que "a atuação dos animais em contos folclóricos representa, simbolicamente, valores e regras que a cultura deseja preservar", enquanto Amorim e Gonçalves (2015, p. 213) sustentam que "as histórias tradicionais funcionam como espelhos das condutas humanas, moldando a percepção do que é adequado ou proibido."

No mito do Boitatá, o comportamento da cobra ao lutar pela sobrevivência revela resiliência e astúcia frente ao caos natural. Contudo, ao devorar os olhos luminosos dos animais afogados, a serpente realiza um gesto que ultrapassa o instinto: a absorção do brilho dos mortos é um ritual de transição que transforma o animal sobrevivente em entidade reguladora. Nesse gesto ambíguo, entre o sagrado e o monstruoso, o Boitatá torna-se um ser que vigia, pune e protege. Conforme destacam Amorim e Gonçalves (2015, p. 219), "as práticas narrativas tradicionais, ao mobilizarem imagens e comportamentos simbólicos, operam como pedagogias culturais que comunicam modos de ser, sentir e agir no mundo." Sob essa ótica, o mito estimula atitudes de temor e reverência que se convertem em práticas de proteção aos ecossistemas, reforçando que a ética ambiental deve ser também simbólica e narrativa.

A figura do Boitatá, como guardião e punidor, manifesta um comportamento de vigilância e justiça mítica. Seu brilho cega os que o enfrentam, atuando como um mecanismo de imposição de limites. Segundo Diegues (2001, p. 57), "os mitos, lendas e tabus que envolvem elementos naturais contribuem para a preservação de ecossistemas ao limitar usos e interações predatórias." O Boitatá, portanto, instila um autocontrole social que desestimula ações predatórias, garantindo que a floresta seja percebida como espaço de sacralidade. Embora singular na tradição brasileira, sua estrutura dialoga com arquétipos universais. Campbell (1990, p. 49) observa que "a serpente é uma das figuras míticas mais antigas e recorrentes, portadora do duplo aspecto de destruição e regeneração", o que situa o Boitatá em uma gramática simbólica que transcende fronteiras geográficas.

Essa dualidade — entre destruição e renovação — reflete comportamentos naturais antropomorfizados. Stuart Hall (1997) aponta que os sistemas de representação cultural organizam os significados e moldam comportamentos a partir

de códigos partilhados. Assim, o Boitatá não apenas age no mito; ele ensina e regula, sintetizando a complexidade das relações entre humanos e natureza. Como Stuart Hall (1997, p. 89) lembra, “os significados culturais não são estáticos; eles se movem, são negociados e reinterpretados a cada geração”, indicando que o mito continua a ser atualizado para responder aos desafios ambientais contemporâneos.

As dimensões simbólica e comportamental entrelaçam-se delicadamente, revelando uma compreensão ampliada da natureza em que a razão caminha ao lado do encantamento. O mundo natural deixa de ser apenas um espaço de controle para tornar-se um território vivo de sentidos. O conto do Boitatá transcende a função de advertência; ele constitui uma linguagem ancestral que molda modos de sentir e perceber a vida. Por meio dessa pedagogia sutil, a natureza é elevada de objeto a sujeito — um sujeito que fala em chamas e se move em serpentes de luz. Assim, encerramos com a certeza de que a sabedoria guardada nas chamas do Boitatá continua a iluminar caminhos para uma relação mais profunda, respeitosa e harmônica com a natureza.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida deste estudo foi uma inquietação docente: como reacender o encantamento pela vida, pelos animais, pela natureza? A presente investigação, contudo, não se propôs a explorar diretamente o ensino de ciências a partir do folclore, mas analisar, em primeiro lugar, os sentidos de natureza que atravessam os contos folclóricos do Boitatá. Esse recorte se justifica pela necessidade de compreender os sentidos, valores e epistemologias presentes nas narrativas antes de apropriá-los na prática pedagógica. Ao identificar como a relação entre seres humanos, animais e ambientes é construída no imaginário popular, a pesquisa lança fundamentos para futuras proposições educativas, permitindo que a integração do folclore ao ensino de Ciências se dê de forma consciente, respeitosa e epistemicamente fundamentada.

A análise dos contos folclóricos do Boitatá se apoiou em duas dimensões centrais: a simbólica e a comportamental. A dimensão simbólica referiu-se aos significados atribuídos à figura mítica: o fogo como purificação e destruição, a serpente como guardiã dos limiares, o olhar ardente que vigia e pune. Símbolos que ressoam não apenas no imaginário popular, mas também em arquétipos

universais que evocam o medo, a proteção e a ordem natural. Já a dimensão comportamental diz respeito às ações narradas nos contos — como perseguir aqueles que desrespeitam a natureza, castigar quem incendeia a mata ou se alimentar de olhos luminosos. Tais comportamentos, embora míticos, revelam um código ético-cultural: a valorização da floresta, o respeito aos seres vivos e a punição da destruição ambiental. A análise do Boitatá mostrou, assim, como essas dimensões se entrelaçam. O símbolo da serpente flamejante não pode ser separado de seus gestos narrativos: ela é guardiã justamente porque age, ensina e observa. Do mesmo modo, suas ações só ganham sentido à luz dos símbolos que a revestem de sacralidade e mistério. Nesse movimento, o conto revela uma pedagogia implícita: ensina que a natureza não é objeto inerte, mas força viva que responde, protege e se vinga.

Reconheço, entretanto, que esta investigação carrega limites que precisam ser explicitados. A análise concentrou-se em um número restrito de narrativas — o conto do Boitatá em quatro obras literárias — e, portanto, não abarca a diversidade imensa de versões regionais que o mito assume em diferentes contextos do Brasil. Além disso, ao privilegiar as dimensões simbólicas e comportamentais, deixei de lado outras possíveis abordagens, como as históricas, linguísticas ou sociológicas, que poderiam ampliar a compreensão das narrativas. Também não me detive na aplicação direta do folclore em sala de aula, mas apenas nos fundamentos que podem inspirar propostas pedagógicas futuras. No entanto, aponto que conectar o ensino de Ciências a essas epistemologias é uma possibilidade viva: uma janela aberta para uma educação mais ampla e inclusiva, que acolhe a diversidade dos modos de conhecer e interpretar o mundo. Nessa tessitura, o saber científico não se apresenta como oposição, mas como um convite ao diálogo com os saberes tradicionais — um encontro que abre horizontes, fortalece caminhos e torna o ensino mais potente e profundamente humano. Essa abertura aponta para caminhos futuros, em que a escola pode se consolidar como espaço de encontro entre racionalidade e sensibilidade, memória e descoberta, ciência e poesia.

Ao longo da pesquisa, defendi que os contos folclóricos não são apenas formas de entretenimento, mas modos legítimos de produção de conhecimento. Eles nos ensinam a ver com outros olhos — olhos que captam o invisível, que reconhecem nos mitos um espelho da condição humana e da nossa relação com o

mundo natural. Valorizar essas histórias é afirmar que o conhecimento também nasce da experiência, da oralidade, do afeto e do mistério.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Januária Cristina. **Abecedário de personagens do folclore brasileiro.** São Paulo: Editora Moderna, 2017.

AMORIM, A. C. R.; GONÇALVES, M. L. C. M. R. Naturezas artificiais e a diferença paradoxal entre ciências e culturas. **Revista Interações**, v. 10, n. 31, p. 71 -94, 2015.

BAPTISTA, M. V. A. **A serpente e o sagrado**: símbolos da transformação na mitologia. São Paulo: Paulus, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CÂMARA, T. **O guia das criaturas mágicas**: desbravando terras brasileiras. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3.ed. SP: Itatiaia, 1978.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11.ed. SP: Global, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. 5. ed. SP: Global, 2022.

COSENDEY, B. N.; SALOMÃO, S. R. Visão sobre as serpentes: répteis ou monstros. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAŞÃO EM CIENCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. **Anais [...].** Águas de Lindóia: ENPEC, 2013. p. 1 -3.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Etnoconservação:** saberes tradicionais e conservação ambiental. São Paulo: Hucitec, 2001.

FRANCHINI, A. S. **As 100 melhores lendas do folclore brasileiro**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2022.

GEERTZ, Clifford, 1926 - **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. - I.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008. 323p.

GONÇALVES, M. L. C. M. R.; AMORIM, A. C. R. de. Gabinete de curiosidades: o paradoxo das maravilhas. **Educação: Teoria e Prática**, v. 22, n. 40, p. 223-238, 2012.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-45, 1997.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. SP: Companhia das Letras,

2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. SP: Nacional/Edusp, 1976.

LOTMAN, Juri M. **A semiosfera**. São Petersburgo: Signos, 2000.

NASCIMENTO, Itaboraí Velasco. Cerrado: o fogo como agente ecológico. **Revista Territorium**, v. 8, n.1, p.25-35, 2001.

OLIVEIRA, Leandro Vilar; ALVES, Victor Hugo Sampaio. O simbolismo mágico-religioso da serpente nas tradições nórdica e finlandesa. **Revista Sacrilegens**, v. 20, n. 1, p. 182-205, 2023.

SATO, Michèle. **Educação Ambiental**. São Carlos: RiMa, 2003. 66 p. RiMa Editora | Amazon.

VAN ZANTEN, Agnés. Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização**. Perspectiva**, v. 22, n. 1, p. 25-45, 2004.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás:** deuses iorubás na África e no Novo Mundo. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.